

NARRATIVA CONTEMPORÂNEA E REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO EM *ENTRE RINHAS DE CACHORROS E PORCOS ABATIDOS*, DE ANA PAULA MAIA

Gustavo Abílio Galeno Arnt (Doutor em Literatura pela UnB)

Karina da Silva Leandro (Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal)

RESUMO

Este artigo apresenta uma investigação acerca da representação do trabalho na literatura contemporânea, especificamente, no romance *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, de Ana Paula Maia (2009). Tal investigação analisa a construção estético-literária do romance e discute os processos de socialização no Brasil segundo o metabolismo de mediação capitalista na sociedade moderna a partir do contexto ficcional de suas narrativas.

Palavras-chave: Ana Paula Maia. Trabalho. Literatura contemporânea.

CONTEMPORARY NARRATIVE AND REPRESENTATION OF WORK IN ENTRE RINHAS DE CACHORROS E PORCOS ABATIDOS, BY ANA PAULA MAIA

ABSTRACT

This article presents an investigation about the representation of work in contemporary literature, specifically in the novel *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, by Ana Paula Maia (2009). This research analyzes the aesthetic-literary construction of the novel, and discusses the processes of socialization in Brazil according to the metabolism of capitalist mediation in modern society from the fictional context of its narratives.

Keywords: Ana Paula Maia. Work. Contemporary literature.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, a teorização acerca do trabalho no romance *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (MAIA, 2009) fundamenta-se nas contradições existentes entre as relações de trabalho e as noções de cidadania, no que tangem aos processos de socialização dos indivíduos adultos por meio do trabalho e ao estabelecimento da desigualdade mediante a divisão social do trabalho no capitalismo tardio. Assim, as noções de cidadania são observadas com base em uma perspectiva das ações interventivas do Estado na regulação de direitos sociais em face das leis de implementação do capitalismo.

Ambas as narrativas do romance em análise, a que dá título à obra e a segunda, de nome *O trabalho sujo dos outros*, suscitam as reflexões aqui propostas. As duas novelas adotam o trabalho como tema central de seus enredos e figuram a vida cotidiana de camadas populares nos cenários rural e urbano no Brasil em meados dos anos 1990. A obra apresenta em si os contrastes do conflituoso processo de modernização no Brasil.

A obra em análise é a primeira parte da trilogia *A saga dos Brutos*, na qual Maia representa a desigualdade e a negação de direitos humanos advindas das condições trabalhistas sub-humanas vivenciadas pelos protagonistas de suas estórias, “homens-besta”, que sobrevivem com o pouco dinheiro que ganham exercendo profissões insalubres.

Os textos, em tom naturalista, retratam a amarga vida de homens que abatem porcos, recolhem o lixo, desentopem esgoto e quebram asfalto. Toda imundície de trabalho que nenhum de nós quer fazer, eles fazem, e sobrevivem disso (MAIA, 2009, p. 7).

A partir do panorama crítico-social das narrativas descrito acima, nossa investigação procura compreender o modo como a organização da estrutura social brasileira e do mundo do trabalho é internalizado esteticamente na obra. Apesar de reconhecermos os elementos estruturais das narrativas como pertencentes à estética naturalista, para além da declarada intenção da autora de assim considerá-las, observamos, sobretudo no modo de concepção do discurso, a pluralidade de opções estéticas adotadas na construção do romance.

A visão acerca dos padrões estéticos analisados não objetiva e, tampouco se limita, à classificação da produção artística em um dado movimento literário hegemônico

periodizado historicamente. Nossa perspectiva considera, no entanto, os aspectos da obra que demonstram sua adequação à cena contemporânea, no que diz respeito ao seu modo de representação do real e à combinação de diferentes linguagens e modalidades da produção literária das últimas décadas.

Deste modo, investigamos no presente estudo: a) a representação da sociedade brasileira materializada na manifestação artística contemporânea, enquanto objeto da linguagem literária; b) o trabalho de criação da autora; c) a produção literária em si; e d) sua busca por autenticidade segundo os padrões estéticos acentuados pela indústria cultural.

As discussões em torno da desigualdade social apresentada no romance de Maia (2009) são desenvolvidas seguindo o fio da representação da exclusão social fundamentada na hierárquica distinção de classes do sistema capitalista, como sugere o próprio romance.

NARRATIVA, TRABALHO E CIDADANIA

“A violência é a parteira de toda velha sociedade gerando uma nova. E é ela própria uma potência econômica.”

Karl Marx

As narrativas de *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* sugerem aos leitores uma perspectiva crítico-social com caráter denunciativo da desigualdade social, na qual é enfatizada a ideia da exploração humana pelo trabalho. Edgar Wilson e Erasmo Wagner são as personagens principais de cada uma das narrativas mencionadas, e as personalidades de ambos reproduzem, com efeito, devido às condições precárias de vida que levam com suas ocupações profissionais, formas de compreensão da própria realidade, sentimentos e modos de pensar e de agir caracterizados pela violência em suas relações interpessoais.

Identificamos na retórica de Maia a ficcionalização da violência dialeticamente propensa a representar na materialidade do real aquilo que causa incômodo, sugerindo a aproximação dos leitores com a tragicidade do real que supõe ser ignorada socialmente, não apenas pela falta de complacência entre os sujeitos e pela banalização da violência, mas especificamente pelo processo de desumanização dos sujeitos no estabelecimento das relações de trabalho no sistema capitalista.

Considerando a ideia de que as relações de trabalho constroem o caráter das personagens, identificamos o emprego da estética naturalista segundo as correntes científicas – determinismo e positivismo – expondo o posicionamento crítico da autora e seu modo de reflexão e observação da realidade e da vida social especialmente no que se refere a desconstrução do idealismo.

Apesar do embate teórico no qual a teoria social, nas últimas décadas, tem rejeitado as ideias naturalistas, entre outros fatores, devido às suas abordagens científicas buscarem explicar o comportamento humano a partir de teorias biológicas sem considerar a relevância da cultura neste propósito (ALMEIDA, 2013, p. 3), permanecem dissolutas na ficção literária moderna as premissas do Naturalismo segundo as quais Zola instituiu o drama moderno “assinalando as deficiências do teatro romântico e reivindicando para a cena: a verdade humana em toda a sua crueza, a observação exata dos costumes e do homem concreto, uma declamação natural, bem como uma encenação mais realista” (ZOLA, 1982, p. 84).

De acordo com as considerações de Rebello (1978), acerca da literatura portuguesa oitocentista, a acepção do Naturalismo, com objetivo político-ideológico de conceber o modo de percepção concreto da verdade na observação da vida, da natureza e do meio social, perdurou no século 20 e permaneceu engendrada nas produções literárias modernas, assim como podemos observar em nossa literatura, de acordo com a tendência de ficionalização do contexto social republicano.

A vigência do naturalismo no nosso teatro [português], quer ao nível da escrita dramática, quer da prática do palco, não se confinou exatamente a estes limites [fixados pela estética realista]: embora anunciadas por obras anteriores, as primeiras peças que da estética naturalista se reclamam só na década de 80 começam a subir à cena, entremeadas com outras de tendência neo-romântica, assim como os postulados dessa mesma estética perduraram na produção teatral (cênica e literária) muito para além do primeiro decênio do século XX. Mais ainda: a ideologia subjacente ao naturalismo, o seu propósito de intervenção social, encontraram no quadro socio-político das instituições republicanas o terreno ideal para se desentranharem em obras literárias (REBELLO, 1978, p. 97).

No que diz respeito à tradição naturalista no Brasil, a crítica acerca das incompatibilidades e das falhas morais da sociedade – a exemplo das obras de Aluísio de Azevedo, inspiradas no Naturalismo de Zola – analisa e descreve o metabolismo social com foco direcionado para a vida cotidiana dos trabalhadores pobres sob o aspecto

patológico da degradação humana pelo trabalho. Essa tendência de representação de sujeitos marginalizados e a abordagem de temas como desigualdade, exclusão, exploração humana e violência, também adotada por Maia, permanece na literatura contemporânea transposta em diferentes modalidades da ficção literária, sendo descrita por Dias (2002) como uma “aura tardo-naturalista” que “envolve personagens sem estofos ou interioridade, visceralmente plantados na injunção local” (DIAS, 2002, p.16). Para Pellegrini (2008), a construção do romance urbano na modernidade:

necessariamente passa por espaços que, já no século XIX, podem ser chamados de espaços da exclusão: os “cortiços” e “casas de pensão”, no interior dos quais viceja uma “fermentação sanguínea”, “uma gula viçosa de plantas rasteiras”, denotando “o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra”, como descreve Aluísio de Azevedo no seu naturalismo ainda romântico. Precursores das atuais “neofavelas”, das “cidades de Deus” e dos “capões”, os cortiços abrigavam aqueles que a sociedade explorava e refugava: escravos libertos, brancos pobres, imigrantes, prostitutas, proxenetas, homossexuais, vadios, malandros, todos antecessores dos “bichos-soltos” e dos “carandirus” de hoje. As formas de violência ali representadas obedeciam aos códigos estéticos da época, compreendidos como a simbolização mimética determinista de conflitos sociais que brotavam do submundo dos centros urbanos de então (PELLEGRINI, 2008 p. 136 – 137).

Ainda de acordo com Pellegrini, se estabeleceu em nossa literatura, assim como no caso de outras nações consolidadas a partir de processos de colonização, uma *cultura* de representação da violência como reflexo da própria cultura da violência no Brasil:

é inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como um elemento fundador a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial (PELLEGRINI, 2008, p. 134).

Nas produções artísticas das últimas décadas, bem como no romance de Maia, essa representação da violência tem se manifestado com forte apelo sensacionalista:

Porejando sangue, ao tratar de espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos, ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões, alguns textos literários e suas traduções cinematográficas vêm conseguindo visibilidade na mídia, êxito perante parte importante da crítica e reconhecimento dentro do campo literário e

cultural, provocando debates sobre sua legitimidade, enquanto expressão de um sujeito social até então sem voz, ou mesmo sobre a possibilidade de criação de uma inovadora vertente temática e estilística, correspondente à matéria que traduzem (PELLEGRINI, 2008, p. 133).

O estilo de escrita de Maia nas duas histórias analisadas, além de tratar as temáticas já mencionadas conforme a tradição *tardo-naturalista*, enfatizando a desordem social refletida na configuração do espaço e a relação do meio com a formação de identidades caracterizadas pela falta de interioridade dos sujeitos, discutida parágrafos antes, também emprega na linguagem literária recursos estéticos da tendência ultra-realista¹ no que se refere à forma indiscriminada de tratar a brutalidade da vida, a reprodução da violência e a exclusão.

Em *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, as personagens Edgar Wilson e Gerson são abatedores de porcos. No *O trabalho sujo dos outros*, Erasmo Wagner, Alandelon e Edvardes são respectivamente: catador de lixo, operador de britadeira e desentupidor de fossas. Essas personagens correspondem à figura imagética da massa de trabalhadores da sociedade brasileira explorada no empreendimento das relações trabalhistas do modo de produção capitalista.

Observamos o exemplo do modo de representação de atores sociais, de acordo com a tradição tardo-naturalista, no que se refere à criação de personagens “vazias”, a descrição de Edgar Wilson como um sujeito que tem como traços de sua personalidade um “olhar vago e perdido” e “frieza permanente” e que, sem nunca reclamar da vida, deposita sua fé na “Providência Divina” (MAIA, 2009, p. 7 e 18). No seguinte trecho observamos como o comportamento das personagens é afetado por suas condições de trabalho e pela maneira mecanizada e irreflexiva de realizar suas atividades laborais:

De modo algum Edgar Wilson se importa com a rotina em que vive. Aqui no subúrbio, quente e abafado, esquecido e ignorado, nos fundos de um mercadinho cheirando a barata, não existe desconforto maior do que o carregamento de porcos atrasar e expectativa maior do que vê-los, todos, pendurados por ganchos no frigorífico (MAIA, 2009, p. 11)

¹Também chamada por Candido de “realismo feroz”, ao referir-se às obras de Rubem Fonseca, apontado como um dos propulsores desta tendência, com uma escrita que “agrider o leitor pela violência, não apenas dos temas, mas dos recursos técnicos, (...) numa espécie de notícia crua da vida” (CANDIDO, 1987, p. 210).

O momento de lazer de Edgar e Gerson também é apontado como reflexo da influência do meio e de suas ocupações profissionais. Habitualmente os dois apostam o dinheiro que ganham em rinhas de cachorros. Deste modo, o título do romance se dá como referência à rotina diária de Edgar e Gerson, dividida entre o trabalho e as rinhas de cachorros, que consideram uma forma de diversão. Assim, as rinhas de cachorros correspondem ao entretenimento de ambos nos momentos de lazer, reforçando a ideia da cultura da violência e da degradação humana pelo trabalho, enquanto “porcos abatidos” equivale à atividade-fim de sua ocupação profissional.

Compreendemos a relação estabelecida entre o trabalho e o lazer dessas personagens considerando as reflexões de Adorno (1995) acerca do *tempo-livre*. Para Adorno, o tempo-livre conceitua-se paradoxalmente acorrentado ao seu oposto, o tempo *não-livre*, ao passo em que o processo de coisificação do trabalho acarretou, do mesmo modo, a coisificação do tempo destinado ao lazer. Assim, ambos vieram a ser mediados pelo capital. A partir daí, “o tempo livre passou a depender da situação geral da sociedade” podendo ser considerado como uma extensão do próprio trabalho (ADORNNO, 1995, p. 62 - 64). Desse modo, o título da obra exprime a ideia proposta por Antunes (2010), de que “o sistema de metabolismo social do capital nasceu como resultado da divisão social que operou a subordinação estrutural do trabalho ao capital” em um processo historicamente construído (ANTUNES, 2010, p. 21).

Em sua fase de consolidação da indústria, com base na perspectiva de promoção do avanço social e tecnológico, visando sobretudo ao lucro, na medida em que fundou as próprias leis de operacionalização e criou o mercado consumidor, o capitalismo determinou verticalmente a separação entre os trabalhadores e os meios de produção (MARX, 1982, p. 182). Com isso, o impacto da mediação capitalista nas funções sociais, especialmente nas relações de trabalho, passou a condicionar a vida humana e o metabolismo social à adequação dos princípios mercadológicos deste sistema.

A transformação estrutural do consumo na modernidade tardia, na qual, segundo Mandel (1982), o capitalismo assume sua forma “explosiva”, compreende no período pós-guerra uma configuração “específica ou puramente capitalista” que condiciona a “subordinação de todos os elementos do processo produtivo e *reprodutivo* ao controle direto do capital monopolista e de seu Estado” (MANDEL, 1982, p.350 - 393; grifo nosso). O sistema econômico permanece com base na valorização do capital, no aumento da taxa da

mais-valia, na maximização dos lucros centrada na exploração do trabalho e na diminuição dos custos de produção, mas incorpora nesse estágio relações de produção em escala global e dissemina ideologias de organização social do Estado na cultura popular.

Mandel descreve este cenário político-econômico definindo capitalismo tardio como um marco histórico do desenvolvimento do modo de produção capitalista por meio do qual o caráter individual do trabalho é substituído pela socialização do trabalho na produção generalizada de mercadorias. Dentro deste quadro, a *socialização objetiva do trabalho* ocorre factualmente, para além da compreensão adotada por Marx², como um processo cuja função é a “subordinação completa do trabalho ao capital”, podendo ser compreendida como uma forma de dominação social que também atua na esfera da subjetividade (MANDEL, 1985, p. 395). Para Mandel, a ideologia de organização social é um reflexo direto do capitalismo tardio segundo o qual “a burguesia não pode sobreviver sem a função controladora do Estado” (MANDEL, 1985, p. 352).

Para o indivíduo cativo, cuja vida é inteiramente subordinada às leis de mercado – não apenas (como no século XIX) na esfera da produção, mas também na esfera do consumo da recreação, da cultura, da arte, da educação e das relações pessoais – parece impossível romper a prisão social. A “experiência cotidiana” reforça e interioriza a ideologia neofatalista da *natureza imutável da ordem social do capitalismo tardio*. Tudo que resta é o sonho da fuga – por meio do sexo e das drogas, que por sua vez são imediatamente industrializados. (MANDEL, 1982, p. 352; grifo nosso).

No Brasil, sob o comando de Vargas,

a instituição da legislação social e trabalhista mudou inteiramente a relação do Estado brasileiro com o seu povo. [...] a ‘cidadania regulada’ gerou nos trabalhadores a expectativa de proteção social, alimentando uma *promessa* de integração cidadã, que embora não tenha se efetivado, cumpriu a tarefa de incorporar, finalmente mas não para sempre, os trabalhadores como artífices do processo brasileiro de construção estatal. A partir de Vargas, os nacionais descobriram que valia a pena lutar pela

2“os artigos úteis se transformam em mercadorias porque são produto do trabalho de particulares ou grupos de indivíduos que exercem seu trabalho de forma independente uns dos outros. A soma do trabalho de todos esses indivíduos particulares forma o trabalho agregado da sociedade” (MARX, 1982, p. 72 - 73).

faticidade do Estado enquanto ordem jurídica que lhes prometia proteção e bem-estar social. Essa luta por sua vez moldou sua identidade social política, pois, num país com 80% da população situada abaixo da linha da pobreza, a promessa dos direitos era *uma promessa utópica*, capaz de disputar corações e mentes com outras promessas (como a socialista ou a comunista) em posição bastante privilegiada, porque corporificada em instituições e na ordem jurídica estatal, sobretudo em sua capacidade de reprimir legalmente a dissidência (CARDOSO, 2010, p. 776; grifos do autor).

Com base nessas reflexões, compreendemos a reprodução da violência presente no âmbito profissional das personagens em outros momentos ou espaços de suas vidas como uma espécie de alegoria que representa a exploração do outro, além de ressaltar a influência da ideologia de organização social imposta pela subordinação do trabalho ao capital, compreendida na esfera do consumo da recreação. Nessa alegoria, observamos a desumanização das personagens em favor dos interesses capitalistas se fizermos uma comparação entre as personagens exploradas pela figura do empregador, e os cães, explorados por seus donos e pelos apostadores, que se beneficiam quando acertam na escolha do vencedor, ou simplesmente pela apreciação do espetáculo promovido pelas rinhas. Assim, visualizamos as bases do capitalismo pela ótica da exploração brutal do “homem pelo homem” e da natureza.

Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos contém cinco capítulos autônomos, com desfecho próprio, conforme o formato seriado da novela. O principal elemento narrativo que integra todos os capítulos em sequência é a insuficiência renal que Gerson passou a ter após doar um rim para sua irmã. Esse dado não só encadeia sequencialmente os fatos narrados, mas também justifica ou se relaciona diretamente à maioria dos acontecimentos desastrosos e às atitudes violentas e criminosas dos protagonistas nessa primeira estória, no entanto, ao mesmo tempo, contribui para entendermos a relação de amor fraternal existente entre Edgar e Gerson. A insuficiência renal de Gerson o impede de realizar plenamente o seu trabalho. Assim, Edgar precisa trabalhar em dobro.

Edgar Wilson abre o porco do focinho até o rabo e retira seus órgãos e tripas. Era mesmo uma maravilha olhar para aquele interior. Uma barriga recheada e que valeria alguns bons reais. Mas se queixa silencioso do quanto vale o trabalho de um homem. A barriga daquele porco é praticamente o seu salário, mas em seguida contenta-se, porque sua vida é mesmo boa (MAIA, 2009, p. 18).

O trecho acima rememora a exploração vigente nas relações de trabalho entre capitalistas empregadores e seus empregados e se faz relevante de acordo com a investigação que segue ao longo deste artigo. A descrição de Edgar Wilson é feita por meio de um movimento narrativo que se aproxima e se distancia da perspectiva da personagem. Aqui, o discurso indireto livre opera como mecanismo de caracterização da subjetividade da personagem, que oscila entre a reificação e um esboço degradado de consciência de classe. Merece destaque o fato de que o narrador, em muitos momentos, parece atribuir às personagens um grau de consciência de classe que elas não possuem de fato, ao menos quando se leva em conta o conjunto de seus predicados e de suas ações.

A retórica ficcional nas narrativas de Ana Paula Maia sugere uma tensão mal resolvida entre o discurso de si e o discurso do outro, entre a narração-descrição naturalista que se pretende objetiva e a narração-descrição naturalista que se pretende utópica. Acreditamos que esse impasse pode ser lido como sintoma da falta de perspectiva histórica em que se encontra o proletariado no mundo contemporâneo³.

Observamos as ideias de Edgar apresentadas no discurso indireto livre do narrador e essa opção estética reforça o que se pode considerar como o “aprisionamento” da personagem em uma condição existencial viabilizada por um sistema político-econômico ideológico alienante, que tem como base a mais-valia ou o lucro. Isso demonstra como Edgar é impossibilitado de continuar a refletir com profundidade sobre o “valor do trabalho” e simbolicamente não exprime sua reflexão materializada em um discurso direto. A expressão “se queixa silencioso do quanto vale o trabalho de um homem”, e não de quanto vale o seu trabalho, ainda que exclua discursivamente jovens, mulheres e também os mais velhos do mundo do trabalho assalariado, dentre outras circunstâncias que estabelecem distinções entre pessoas, no que tange às relações de trabalho de acordo com fatores como a cor, o gênero, a faixa etária, a etnia, etc., por exemplo, amplia os horizontes desta pergunta para além da perspectiva individual da personagem, e coloca sua queixa em um panorama que se aplica a um conjunto específico de pessoas nos despertando a atenção

³ Slavoj Žižek tem apontado os impasses da luta de classes no contexto do capitalismo contemporâneo, sobretudo pela dificuldade estrutural do proletariado em se mobilizar num contexto em que o sonho do trabalhador é poder ser explorado: “quem ousa fazer greve hoje em dia, quando ter trabalho fixo já começa a ser privilégio” (ŽIŽEK, 2012, p. 24). Essa é apenas uma das dimensões do problema, que se agrava em função da ausência de um projeto consciência dos rumos concretos que a transformação da sociedade deveria ou poderia seguir. Nos termos de Žižek, a classe trabalhadora e a esquerda em geral tem sido incapaz de responder a uma simples e fundamental pergunta: “O que queremos?”.

para a estrutura social brasileira em uma visão macro, além dos parâmetros delimitados pela obra.

As atividades de Edgar consistem na seleção, compra, transporte, abatimento e distribuição de porcos nos frigoríficos. Em seu trabalho, ele e Gerson enfrentam situações desastrosas com desfechos determinados pela sorte. Por mais funestos que sejam os finais de cada capítulo, envolvendo mortes de pessoas inocentes ou não, o contentamento que as personagens demonstram sentir ultrapassa as fronteiras da capacidade de resiliência que possuem a ponto de enxergarem a realidade com a qual se deparam com naturalidade.

As cenas de violência contidas nas narrativas expressam sensacionalismo a fim de provocar um choque de realidade nos leitores. O ar cômico expresso nas narrativas se dá através de expressões de vocabulário popular e dos tons de ironia cingidos de modo a representar a banalização da crueldade na vida cotidiana, diretamente relacionada à naturalização da exploração humana que, como demonstrado principalmente na segunda novela, gradativamente acarreta a precarização do trabalho.

Segundo Palmiero (2007), “a partir do momento em que ao trabalho foram vinculados direitos sociais, trabalho e cidadania começaram a se tornar elementos indissociáveis” (PALMIERO, 2007, p. 229). Consideremos os impactos da precarização do trabalho e sobretudo do desemprego no que diz respeito à exclusão social.

Podemos observar, sob a mesma ótica, as diferentes concepções de cidadania que surgem mediante o curso do desenvolvimento social em face das modificações assumidas pelo modo de produção capitalista. Assim, compreender o metabolismo social, bem como as relações de trabalho no capitalismo tardio implica a necessidade de se entender de que modo as transformações político-sociais oriundas dos processos de modernização interferem na ideia de promoção da sustentabilidade social. Santos (2009) aponta que diferentes concepções relativizam a ideia de direitos humanos devido à atribuição de discursos ideológicos a este conceito. Segundo o teórico, “as políticas de direitos humanos estiveram em geral a serviço dos interesses econômicos e geopolíticos dos Estados capitalistas hegemônicos” (SANTOS, 2009, p. 14).

De acordo com Cardoso (2010), o Estado brasileiro passou a promover políticas de proteção e bem-estar à população operando paradoxalmente a permanência da desigualdade social por meio de uma *cidadania regulada* na qual, para usufruir dos direitos sociais, os cidadãos, obrigatoriamente, tinham de se adequar a um perfil preestabelecido de

acordo com as exigências da sociedade de mercado, impulsionados por uma expectativa utópica de ascensão social (CARDOSO, 2010, p.776). Antunes e Silva (2004) apresentam o perfil dos grupos sociais atingidos pela mesma lógica de regulação de direitos:

Vários autores têm demonstrado que a exclusão se reporta aos grupos sociais que foram desalojados socialmente: os chefes de família desempregados, as minorias étnicas, os jovens sem possibilidades de entrar para o mercado de trabalho, as mulheres em ocupações precárias e com tempo parcial, os migrantes, os velhos desprovidos de seguridade social, etc. Esse seria o perfil dos novos pobres. São assim chamados não em razão dos baixos rendimentos, aquém de suas necessidades de sobrevivência, mas em razão de lhe serem vedadas as oportunidades de incorporação no tecido social, gerando as bases para a exclusão dos seus direitos. Para esses excluídos, impõe-se a miséria do mundo, do sentimento de seres desgarrados, à margem do meio social em que vivem. São a ponta mais fragilizada daqueles que Marx caracterizou como “os que não têm mais nada a perder” (ANTUNES e SILVA, 2004, p. 11).

O terceiro estágio do capitalismo acarreta, em sua concepção, por um lado, a ideia da modernidade que se “alcançou” tardiamente e, por outro, a consciência da contradição sustentada a partir da quebra da expectativa de avanço tecnológico e social, como descreve Mello (2009):

Entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna. Esse alegre otimismo, só contrariado em alguns rápidos momentos, foi mudando a sua forma. Na década de 50, alguns imaginavam até que estaríamos assistindo a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizavam como povo: a cordialidade, a criatividade e a tolerância. De 1967 em diante a visão do progresso vai assumindo a nova forma de uma crença na modernização, isto é, de nosso acesso iminente ao “Primeiro Mundo”. [...] A partir dos anos 80, entretanto, assiste-se ao reverso da medalha: as dúvidas quanto às possibilidades de se construir uma sociedade efetivamente moderna tendem a crescer e o pessimismo, pouco a pouco ganha intensidade (MELLO, 2009, p. 1).

O contexto social brasileiro descrito acima é representado na obra de Maia internalizando a contradição engendrada pela modernidade tardia no Brasil, a qual segundo Mello (2009) descreve os conflitos do processo de modernização brasileira pelo avanço tecnológico e pela aquisição de bens materiais, e aponta a desigualdade como o motivo da

permanência do atraso, que culminou na quebra da expectativa do progresso nos anos que seguiram o pós-guerra. Podemos observar tal ideia no seguinte trecho:

- Pegou a geladeira de volta?
- Peguei e tô pagando as prestações.
- Aquela geladeira é uma beleza mesmo.
- Faz gelo na temperatura média — comenta Edgar.
- A minha tá um lixo. Não dá vazão nesse calor.
- Se precisar de gelo pode apanhar na minha. Tem muito espaço lá também.

Pode usar sempre que quiser.

Gerson olha comovido para o amigo. Só quem vive nos confins do subúrbio abafado e sufocado, longe das praias, de ares úmidos, comendo poeira, economizando água sob quase 40 graus diariamente, pisando em asfaltos fumegantes sabe o que representa uma geladeira nova e que faz gelo. Isto, por esses lados, vale mais do que ouro. Assim como água tratada e esgotos fechados, mas ainda precisam conviver com as merdas ao ar livre e os vermes (MAIA, 2009, p. 37).

Segundo Anderson (2011), as políticas públicas de aplicação direta de renda no governo Lula contribuíram para uma significativa redução da pobreza e para o crescimento econômico através dos programas sociais instituídos pelo ex-presidente, ainda que, contraditoriamente, o rendimento dos ricos tenha aumentado exponencialmente, de modo que, embora tenha havido uma melhora real no padrão de vida de milhões de pessoas, a distância econômica entre a classe rica e a classe pobre não diminuiu significativamente (ANDERSON, 2011, p. 29). Pela lógica de mercado, a distribuição de renda para as famílias pobres no Brasil, concedendo a elas o poder de compra, conseqüentemente, contribui para a movimentação da economia do país. A ideia de atribuição do poder aquisitivo às classes mais pobres aqui se opõe, apesar de não eliminar, à ideia anterior de que os direitos sociais são concedidos apenas aos que se inserem adequadamente no mercado de trabalho e sugere a interpretação de que na sociedade moderna, a cidadania equivale à potencialidade para o consumo.

O paradoxo entre as concepções de cidadania e a impossibilidade de organização igualitária de classes relaciona-se intimamente com o contexto de criminalidade e violência materializado na ficção literária moderna. Podemos observar que o romance de Maia sugere que as formas de desigualdade, miséria e exclusão, convergentes com o modo de produção capitalista, originam e “justificam” outras várias formas de violência. Vemos isso principalmente na segunda narrativa, protagonizada por Erasmo Wagner.

Erasmus Wagner é um ex-presidiário que assassinou por vingança o velho Mendes, um homem de quem seus pais eram empregados. O velho Mendes havia assassinado os pais de Erasmo e Alandelon para se livrar da ameaça de ser preso por abusar sexualmente de Alandelon, quando este era ainda criança.

Seus pais foram mortos pelo velho Mendes, o sujeito mais abastado do local, era dono da única banca de jornal, um restaurante de beira de estrada localizado numa parada de caminhoneiros a cinco quilômetros dali, barracas na feira e um depósito de gás. Os pais de Erasmo Wagner trabalhavam para o velho. A mãe cozinhava no restaurante e o pai empilhava botijões no depósito de gás. O velho Mendes tinha uma barba longa e grisalha. Gostava de crianças. Todos os anos vestia-se de Papai Noel e distribuía doces em devoção a São Cosme e São Damião. Currava crianças com lágrimas nos olhos com ainda mais devoção. [...] O pai ameaçou ir à polícia. O velho Mendes os ameaçou de morte. E cumpriu (MAIA, 2009, p. 68).

A princípio, o velho Mendes tem sua imagem associada não somente à representação do sujeito mais abastado do local, mas também à figura do detentor de diversos empreendimentos comerciais: a banca de jornais, o restaurante, as barracas na feira e o depósito de gás. Assim, corresponde ao capitalista que explora a força de trabalho de seus empregados e lucra com a venda de produtos para o mercado consumidor local.

O abismo que separa o velho Mendes e os pais de Erasmo de acordo com suas distintas posições sociais e relações de trabalho sustenta a condição de poder outorgada a ele. Por sua vez, os pais de Erasmo, além de subordinados ao velho Mendes, eram desprovidos de posses ou meios de produção com fonte de renda proveniente da venda de sua força de trabalho, e suas profissões mecânicas reforçam sua condição de pobreza. Se consideramos o comportamento do velho Mendes como reflexo da ideia de exploração humana, percebemos a relação paralela entre a exploração do trabalho e a exploração sexual infantil apresentadas na obra. Contudo, o crime de Erasmo, ainda que significativo, aparece em segundo plano na narrativa. A partir daqui daremos foco aos elementos principais de *O trabalho sujo dos outros*.

Sete capítulos narram o cotidiano de Erasmo Wagner, um lixeiro que, diferentemente de Edgar Wilson, exprime um sentimento de revolta oriundo das condições precárias de trabalho que sua classe enfrenta, como o desconforto causado pelo mau cheiro do lixo, os

riscos de acidente, a rotina de trabalho maçante, o baixo salário que recebe e a discriminação social que sofre das outras pessoas.

Erasmus Wagner só conhece uma espécie de lixo. Aquele que é jogado pra fora de casa. A imundície, o podre, o azedo e o estragado. O que não presta pra mais ninguém. E serve apenas para os urubus, ratos, cães, e pra gente como ele. Costuma trabalhar no caminhão de lixo parte do dia, com escalas alternadas no turno da noite. Conhece o conteúdo de alguns sacos só pelo cheiro, formato e peso. Já teve tétano. Já teve tuberculose. Já foi mordido por rato e bicado por urubu. Conhece a peste, o espanto e o horror; por isso é ideal para a profissão que exerce. (MAIA, 2009, p. 53)

Apesar destas condições de trabalho precárias que Erasmo enfrenta, o enredo traz uma luta sindical que parte dos motoristas dos caminhões lixo, e não dos coletores de lixo. Perversamente, os motoristas se encontram em situação privilegiada em relação aos coletores:

[O motorista] Acende um cigarro e come meia tigela de angu à baiana sentado ao volante, enquanto eles [os coletores] correm, sem descanso, debaixo da chuva grossa. A cabine é para o motorista. O estribo localizado na traseira do caminhão é para o coletor. [...] O que importa mesmo neste trabalho é recolher o lixo e respeitar as hierarquias (MAIA, 2009, p. 55).

Sobre essa contradição observamos as relações de poder em sociedade de acordo com as distinções hierárquicas entre as classes e compreendemos que, quanto maior é a precariedade do trabalho, maiores são a exclusão e a incapacidade de busca por direitos. O motorista que possui maior nível hierárquico em relação a Erasmo, reivindica maiores salários e melhores condições de trabalho, enquanto Erasmo assiste, durante a greve, à acumulação do lixo que será posteriormente recolhido por ele.

A greve dos motoristas obriga Erasmo a aderir à paralisação e, enquanto perdura a greve, ele decide trabalhar com seu primo Edivardes desentupindo fossas, pias e latrinas. “Um trabalho de merda”, como diz Erasmo:

— Meu primo Edivardes trabalha desentupindo esgoto. Isso sim é um trabalho de merda. Você precisa ver o esgoto das áreas mais ricas. Ele diz que é uma bosta densa. [...] Merda de pobre é rala e aguada. O Edivardes conhece a pessoa pela merda que produz. Ninguém engana ele não. Ele sabe das coisas (MAIA, 2009, p. 54).

Coletando lixo, Erasmo convive com os resquícios deixados pela violência e pela falta de respeito aos valores humanos. Seu trabalho implica descobertas de assassinatos através dos restos mortais que encontra no lixo. Trabalhando com Edivardes, percebe que os ofícios semelhantes ao seu, aos quais a autora se refere como “o trabalho sujo dos outros”, resultam na descoberta frequente de acontecimentos que decorrem dos mais variados tipos de violência.

Apesar do sentimento de revolta aguçado pela luta sindical dos motoristas, Erasmo manifesta um orgulho de si mesmo, que advém da dignidade que o trabalho lhe proporciona para pagar um café da manhã costumeiramente aos sábados em uma padaria, com Alandelon e Edivardes.

Alandelon, irmão mais novo de Erasmo, trabalha quebrando asfalto com uma britadeira e “precisa encontrar outro trabalho antes de ficar surdo pra sempre, mas se todos pensarem assim, quem quebrará os asfaltos? [...] É um trabalho em que se aposentam cedo. Sequelados em sua maioria” (MAIA, 2009, p. 58). Este trecho explicita a submissão das personagens aos seus ofícios por mais precários que sejam.

Mészáros (1995) confrontou a dialética hegeliana que entendia a resignação social ao capital – mediador da produção e distribuição de riquezas – pela *interdependência* entre as pessoas na sociedade de mercado, firmada na *universal permanência do capital*:

A afirmação da “complexa interdependência de cada um em relação a todos” – era uma mistificação ideológica: um meio de fechar o círculo da sociedade de mercado, da qual não se poderia fugir. Pois, se fosse realmente verdade que a compulsão inseparável da natureza do capital – longe de universal e de modo algum necessariamente permanente – resultava da complexa interdependência dos indivíduos como indivíduos, nada se poderia fazer. Para alterar esta condição, seria preciso inventar um mundo radicalmente diferente deste em que vivemos (MÉSZÁROS, 1995, p. 66).

O trecho seguinte exprime a ideia de sujeição das personagens às suas profissões de maneira convergente com a dialética hegeliana descrita acima e apresenta não uma relação de interdependência entre pessoas, mas uma relação de interdependência entre Erasmo e o produto ou o resultado material do contato venal humano com a natureza, conforme a estrutura organizacional da sociedade, que justifica a existência de sua ocupação profissional, o lixo:

Erasmus Wagner olha para dentro da caçamba e pensa que já não há espaço no mundo pra tanto lixo. Que serão todos sufocados por ele. Um mar de imundície sacrificará a humanidade com seus próprios dejetos.
— Tem lixo demais no mundo... talvez seja isso. — murmura Erasmo Wagner.
— Você se importa? — pergunta Valtair.
— Nem um pouco. Sei que trabalho não vai faltar (MAIA, 2009, p. 57).

Entendemos a relação de interdependência entre Erasmo e o lixo pela conotação de que o lixo é essencial para Erasmo Wagner, como ele é necessário para cuidar do lixo. Isso explica, na verdade, a forma como Erasmo integra e participa da sociedade de mercado. A venda de sua força de trabalho se aplica à função social de coleta do lixo em meio a um sistema em que “converte-se tudo, mercadoria ou não, em dinheiro” e “tudo se torna vendável e comprável” (MÉSZÁROS, 1995, p. 252). A subordinação de todas as funções sociais ao sistema de mediação capitalista e as definições de hierarquia provenientes da “radical separação das funções sociais produtivas e de controle do processo de trabalho entre aqueles que produzem e aqueles que controlam” são outros fatores que contribuem para entendermos a condição social de Erasmo (ANTUNES, 2010, p. 22).

É sabido que as transformações nos meios de produção determinados pelo capitalismo na sociedade moderna, assim como os avanços tecnológicos, substituem mão de obra humana por trabalho maquinal, e, do mesmo modo, substituem trabalho manual por intelectual. De acordo com essas transformações, notamos que a insistente desigualdade apontada por Cardoso (2010), citada anteriormente, e a permanência de profissões como as das personagens do romance em meio à contemporaneidade estão diretamente ligadas à existência de classes sociais mais pobres. Com todas as implicações políticas, sociais, econômicas e ambientais negativas que condicionam a existência e a permanência dessas ocupações profissionais, a estratificação social estabelece o contínuo, elevado e crescente número de pessoas em condição de pobreza, privadas dos avanços e desenvolvimentos materiais e intelectuais da sociedade moderna.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. “Tempo livre”. In: **Palavras e Sinais: modelos críticos**. Rio de Janeiro: ed. Vozes, 1995.

_____. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 2008.

ALMEIDA, Fábio Portela Lopes de. **As origens evolutivas da cooperação humana e suas implicações para a teoria do direito**. Rev. Direito GV vol.9 n. 1 São Paulo Jan./June, 2013.

ANDERSON, Perry. **O Brasil de Lula**. Novos Estudos. Cebrap. N. 91, 2011, p. 23-52.

ANTUNES, Ricardo. **A crise, o desemprego e alguns desafios atuais**. Serviço Social & Sociedade. N.104, 2010, p. 632-636.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 3ª ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES e SILVA. **O avesso do trabalho**. São Paulo: ed. Expressão Popular, 2004

BOSI, Alfredo. “Tendências contemporâneas”. In: **História concisa da literatura**. São Paulo: ed. Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. “A nova narrativa”; in: **Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. “De cortiço a cortiço”. **O discurso e a cidade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2015.

CARDOSO, Adalberto. **Uma utopia brasileira: Vargas e a Construção do Estado de Bem-Estar Numa Sociedade Estruturalmente Desigual**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 53, n o 4, 2010, pp. 775 a 819.

CHIARA, Ana Cristina de Rezende. “A origem do mundo: o Naturalismo de Courbet e de Aluizio de Azevedo Vistos a Contrapelo”. In: **As partes da maçã: Visões prismáticas do real**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

DIAS, Ângela Maria. **Escrever, escavar: formas da violência na literatura brasileira contemporânea**. Revista TB, Rio de Janeiro. 150: 7/20, jul.-set., 2002.

GIL, Fernando. **O caráter pendular do herói brasileiro**. Literatura e Sociedade, v. 13, São Paulo, p. 132-151, 2010.

_____. **Os homens livres pobres e o processo da violência**. Revista Olho d'água, v. 3, São Paulo, p. 170-176, 2011b.

HORKHEIMER, Max. "Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas" in: **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LUKÁCS, George. "Narrar ou descrever?" in: **Marxismo e teoria da literatura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

MAIA, Ana Paula. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MELLO, J.M. de; NOVAIS, F. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. São Paulo: Unesp; Facamp, 2009.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril cultural, 1982.

MARX, Karl. "A chamada acumulação primitiva" e "Trabalho assalariado e capital". In: **Obras escolhidas de Marx e Engels**. Lisboa: ed. Avante, 1982.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição**. 1ª ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.

PALMIERO, Martine. **Socialização, Trabalho e Cidadania**. Politéia: Hist. Soc. Vitória da Conquista, V. 5 n.:1, p225-233.2005.

PELEGRINI, Tânia. **As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea**. Crítica Marxista (São Paulo), Rio de Janeiro, V00, p. 132-153, 2005.

REIS, Carlos. "Espaços da Língua Portuguesa ou os Perigos da Imaginutica". In: **Pelos Mares da Língua Portuguesa 2**. 1ª ed. Porto: ed. UA Universidade de Aveiro, 2015.

SANTANA, Marco Aurélio. RAMALHO, José. **Sociologia do trabalho no mundo contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Direitos humanos: o desafio da interculturalidade**. Revista Direitos Humanos; Coimbra, julho de 2009.

ŽIŽEK, SLAVOJ. **O ano em que sonhamos perigosamente.** Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2012.